



RELATOS DE REGÊNCIA DE CLASSE PELO CELULAR NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

REPORTS OF CLASS CONDUCTING BY CELL PHONE IN THE
PEDAGOGICAL RESIDENCY PROGRAM

Jaqueline de Santana Cerqueira¹

<https://orcid.org/0009-0003-3788-5324>

E-mail: 8jcerqueira@gmail.com

Jaqueline Silva Sacramento²

<https://orcid.org/0000-0003-2865-0497>

E-mail: jaquelinesacramento13@gmail.com

Verônica Domingues Almeida³

<https://orcid.org/0000-0003-2865-0497>

E-mail: veedomingues@gmail.com

Resumo

Este relato de experiência retrata a vivência de duas residentes e orientadora no âmbito do Programa Residência Pedagógica, núcleo do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. O tema deste relato se refere à formação docente crítica e sensível e a experiência relatada é fruto de intervenções pedagógicas realizadas pelo celular, por meio do aplicativo de mensagens instantâneas, durante o ano de 2021, e que teve como objetivo desenvolver a prática docente das residentes. O embasamento teórico foi voltado para um trabalho ético e estético, vinculado à Educação para as Relações. O planejamento e execução das atividades oportunizaram uma formação que favorece o protagonismo de estudantes em relação aos percursos de formação inicial docente. Assim, apresentamos dois relatos: 1. “Podcast, Linguagem e Papéis Sociais de Gênero”, com intuito do desenvolvimento da criticidade das relações; 2. “Cinema, Curta-metragem e Acolhimento”, tendo como eixo central a compreensão do sentir humano. Vale apontar que a experiência relatada ocorreu no contexto da pandemia de Covid-19, que exigia o distanciamento social e a implementação de ações pedagógicas por meio remoto.

Palavras-chave: Educação para Relações. Ensino remoto. Formação docente. Residência Pedagógica.

Abstract

This experience report describes the experience of two residents and their advisor as part of the Pedagogical Residency Program, part of the Pedagogy Degree course at the Faculty of Education of the

¹ Pós-Graduanda em Especialização em Educação na Cultura Digital pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Tecnóloga em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal da Bahia; Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia.

² Professora da Rede Municipal de Educação de Salvador, especialista em Alfabetização e Letramento e Currículo e Prática Docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e mestranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia.

³ Doutora em Educação. Docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no Programa de Pós-graduação em Educação e Programa de Pós-graduação em Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas.

Federal University of Bahia. The theme of this report refers to critical and sensitive teacher training and the experience reported is the result of pedagogical interventions carried out by cell phone, through the instant messaging application, during the year 2021, which aimed to develop the residents' teaching practice. The theoretical basis was focused on ethical and aesthetic work, linked to Education for Relationships, based on the studies. The planning and execution of the activities provided training that favors student protagonism in relation to initial teacher training. Thus, we present two reports: 1. "Podcast, Language and Social Gender Roles", with the aim of developing the criticality of relationships; 2. "Cinema, Short Film and Reception", with the central axis of understanding human feeling. It is worth pointing out that the experience reported took place in the context of the Covid-19 pandemic, which required social distancing and the implementation of pedagogical actions through remote means.

Keywords: Education for Relationships. Remote teaching. Teacher training. Pedagogical Residency.

INTRODUÇÃO

Este relato é baseado em experiências de residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal da Bahia, curso de Licenciatura em Pedagogia, vivenciadas no período de janeiro de 2021 a abril de 2022. O PRP é parte da política nacional de formação de professores, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) e desenvolvido em parceria entre universidades e escolas públicas de educação básica, a fim de promover uma formação inicial docente mais aproximada com a realidade escolar, incluindo a regência de classe.

Nesse âmbito, conforme dizem Martins, Sousa e Filho (2021, p.13), o PRP “tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão da/o licenciada/o na escola de educação básica”. Tal como exposto no Edital⁴, o programa visa a: “incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica, conduzindo o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente” e, desse modo, o intuito da ação conjunta entre CAPES, universidade e escola é proporcionar para a/o licencianda/o uma formação mais contextualizada, cooperando no encadeamento entre teoria, metodologia e prática docente.

Iniciamos nossos trabalhos com discussões preliminares sobre os parâmetros curriculares vigentes que regem a educação básica, em especial a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o estudo de autores como Araújo (2008), Silva (2019) e Almeida (2017; 2024). Tal ação foi importante para dialogarmos sobre o currículo em uma perspectiva crítica e sensível e, tendo em vista que a BNCC não contemplava a Educação de Jovens e Adultos (EJA), contribuiu para desenvolvêmos os planejamentos e práticas a partir de uma epistemologia do trabalho pedagógico intitulada “Educação para as relações”. Esta epistemologia pedagógica indica, por meio de uma visão amorosa do/com o mundo, que a educação escolar não deve se limitar à instrução e à transmissão de conteúdos, mas que deve se voltar para as relações que os sujeitos aprendentes estabelecem com os conhecimentos, com o mundo, com os outros e consigo próprios (Almeida, 2017; 2024).

No escopo do Subprojeto Pedagogia do referido Edital do PRP/CAPES a proposta de formação se pautou no desenvolvimento da “Educação para as relações”, a partir de cinco eixos significantes, a saber: problematização, pertencimento social, ética, curiosidade epistêmica e desejo (Sá; Almeida, 2020). Esse trabalho formativo-pedagógico foi desenvolvido por meio de

⁴ Edital nº 1/2020, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para implementação do Programa Residência Pedagógica, cuja edição potencializou as experiências, aqui, relatadas.

diversas linguagens, envolvendo não apenas o estudo e discussão de referenciais teóricos, como, também, a apreciação e produção de obras de artes, de pinturas e fotografias à músicas e filmes, potencializando reflexões e experiências sobre as relações que estabelecemos com o mundo, com os conhecimentos, com os outros e conosco mesmos (Almeida, 2017; 2024) e favorecendo, assim, uma formação docente voltada para o sensível, valorizando a ética, a estética e o desejo no ato de ensinar e de aprender.

Devido ao contexto pandêmico, o desenvolvimento da residência pedagógica aconteceu, inicialmente, de modo *on-line*, seguida de ações em modo híbrido⁵, com a realização de reuniões síncronas, atividades assíncronas, bem como intervenções e regência de classe síncronas e presenciais, oportunizando vivenciar experiências e construir novos entendimentos por meio das leituras sugeridas e das atividades estéticas e didáticas desenvolvidas, pautadas na “Educação para as Relações” e seus eixos significantes. Diante desse escopo teórico e epistemológico foi possível vivenciar um processo de formação socialmente crítico, da mesma forma, com cunho voltado para a sensibilidade, no fazendo compreender que a formação inicial de futuras professoras deve perpassar não só os conteúdos, mas, também, o endossamento crítico, social e sensível de uma ética pedagógica, a fim de legitimar a atuação docente e evidenciar a construção de saberes e de um saber-fazer e saber-ser outros (Canda; Almeida, 2018).

Este texto objetiva compartilhar tais vivências evidenciando as experiências pedagógicas ocorridas na regência desenvolvida de modo remoto, por meio do uso de aparelho celular e aplicativo de mensagens instantâneas em uma classe de EJA. Além desta introdução ele entrelaça, inicialmente, considerações sobre a regência no contexto pandêmico, seguido da explanação a respeito de duas das intervenções realizadas em contexto digital durante a pandemia. Por fim, o texto tece suas considerações finais, promovendo uma reflexão sobre a viabilidade das/os estudantes de licenciatura, núcleo Pedagogia, estarem em contato com o exercício docente no que tange a construção de um saber, saber-fazer e saber-ser, outros, para lidar com o universo de adversidades e potências que são inerentes à profissão docente.

PRP PEDAGOGIA E REGÊNCIA NA PANDEMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As atividades educacionais no contexto pandêmico aconteceram, em sua maioria, por meio da substituição das aulas presenciais por atividades remotas com a utilização de recursos e métodos da Educação a Distância (EaD). Todavia, o modelo utilizado tendeu a ser uma reprodução unilateral de conteúdos através de uma tela, oportunizando, prioritariamente, uma aprendizagem por meio, apenas, da observação e da assimilação. Além de um modelo de educação reprodutivista e bancária (Freire, 1987), que dificulta explorar as potencialidades da EaD, existiu a condição material das classes populares que não costumam dispor de recursos adequados para acompanhar e conseguir se integrar em um modelo de educação totalmente digital. Desse modo, o que se viu foram escolas enviando atividades impressas para os/as alunos/as realizarem em casa, cabendo a si próprios/as o acompanhamento e desenvolvimento delas (Pretto, Bonilla e Sena, 2020, p. 6).

⁵ As ações foram desenvolvidas em formato remoto devido ao contexto mundial de crise sanitária ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, que provoca a doença COVID-19 e impôs um distanciamento social, com a finalidade de preservação das vidas. Após o retorno presencial das atividades escolares, em 2022, o trabalho pedagógico passou a ser desenvolvido de modo híbrido.

No que tange ao PRP Pedagogia UFBA, envolvendo a finalidade do programa, as relações entre CAPES, universidade, escola, rede municipal de ensino e a contingência pandêmica, podemos dizer que essa edição exigiu o nosso potencial criativo na constituição de uma regência de classe outra, não baseada na tradicional sala de aula e na mera transmissão de conteúdo. Assim, a regência foi realizada, inicialmente, atendendo às orientações da rede de ensino da escola-campo, por meio de aulas em um canal de televisão⁶ e da elaboração e envio de atividades impressas elaboradas pelas professoras. Todavia, devido à iniciativa de docentes – regentes de classes de EJA – para manutenção do vínculo, acompanhamento, diálogo e orientação das/os estudantes, também foi desenvolvido um trabalho por meio do uso de aparelhos celulares e de aplicativo de mensagens instantâneas. Santana e Sales (2020) pontuam que na Bahia as ações docentes no ensino remoto, durante a pandemia, ocorreram com atividades descentralizadas, já que não houve por parte da secretaria estadual um programa unificado e coordenado de ações docentes, garantindo a todos o mesmo acesso à educação. Podemos dizer que essa linha foi similar a atuação da rede municipal de ensino e, assim, como dito, na escola parceira houve a possibilidade de uso de aplicativos de mensagens, o que favoreceu a criação pedagógica de materiais didáticos e de dispositivos de multimídia

Com intuito de que o processo de formação dos alunos da EJA não fosse prejudicado, as intervenções por aplicativo de mensagens instantâneas foram uma das opções encontradas para desenvolver as atividades em uma regência completamente remota, sabendo-se que, diante da realidade de estudantes economicamente desfavorecidos não era possível a utilização de variadas plataformas, como aulas síncronas em videoconferências, como exemplo. Assim, foram confeccionados materiais pedagógicos totalmente digitais, que fizessem baixo uso de dados móveis e que pudessem ser replicados em aplicativo de mensagens instantâneas. Desse modo com muito cuidado em relação à nova realidade, tais materiais foram planejados, construídos, gravados e editados, para serem postados durante a explanação das intervenções.

Por conseguinte, a ação educacional das residentes se voltou para o encaminhamento de temas pedagógicos que focavam nas relações, a fim de “promover a atividade educativa para as relações com o saber, com o mundo, com o outro e consigo mesmo” (Almeida, 2017, p. 257). De posse de entendimentos sobre interfaces digitais, o contexto do exercício da docência deu-se com o envio de *podcast*, vídeos, *cards*, *memes* e figurinhas, de modo a criar uma dinâmica nas intervenções pedagógicas realizadas. Para tanto, todas foram recriadas pedagogicamente pelas residentes de modo a abordar os temas propostos na intervenção remota.

Tal potencialidade foi favorecida pelas tecnologias digitais e por algumas de suas interfaces, promovendo a disposição de conteúdos e de situações de aprendizagem assentados nos conceitos de interatividade e hipertextualidade, importantes para o desenvolvimento das atividades pedagógicas durante a pandemia. Sendo assim, “o potencial das mídias *on-line* como estruturantes de novas formas de pensamento, ou seja, como instrumentos culturais de aprendizagem, na mediação de novos processos tecnológicos, comunicacionais e pedagógicos” (Santos, 2009, p.01), nos possibilitou que não suspendêssemos completamente as ações educacionais, mediante a crise mundial de saúde.

⁶ A rede municipal de ensino de Salvador desenvolveu, durante a pandemia de Covid-19, aulas no formato remoto realizadas por meio de um canal de televisão local. Maiores informações: <http://educacao3.salvador.ba.gov.br/aulas-da-rede-municipal-comecam-nesta-segunda-feira-22-confira-cronograma-de-aulas-na-tv/>

Desse modo, durante o período de atuação das residentes junto à escola-campo foram desenvolvidas atividades de regência fora do padrão ao qual estávamos acostumadas como aprendizes de professoras e, até mesmo, como estudantes. Construímos aulas, materiais didáticos e recursos digitais para o desenvolvimento de um trabalho com qualidade considerando as condições de acesso e de acompanhamento das/os discentes. Esse aprendizado demandou um tempo relativamente longo, pois, se tratava de um evento inédito na regência pedagógica, visto que a pandemia da *Covid-19* estava em pleno acontecimento, não sendo possível à época o desenvolvimento de aulas presenciais como de costume. Vale apontar que isso evidencia a necessidade de muito mais tempo para confeccionar materiais sucintos, objetivos e com intencionalidade pedagógica a serem enviados pelo aplicativo de mensagens instantâneas.

Cabe, ainda, explicar sobre algumas das interfaces utilizadas, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 - Interfaces digitais utilizadas na regência remota

INTERFACE	DESCRIÇÃO
<i>Podcast</i>	Utiliza o áudio como veículo de informação e aprendizagem. Pode conter assuntos específicos para cada público, geralmente traz uma música de fundo ou vinhetas que são recursos sonoros escolhidos com a intenção de criar impactos aos ouvintes.
Vídeos	Têm como proposta a apresentação de imagens em movimento que fazem uso de recursos audiovisuais.
Adesivos/figurinhas	São imagens que podem ser adquiridas prontas ou criadas pelo próprio/a usuário/a; elas têm a intenção de deixar as conversas mais divertidas e interessantes. Em geral, demonstram as expressões daqueles que enviam, mostrando sentimentos como: espanto, raiva, dúvidas, atenção, preocupação etc.
<i>Cards</i>	É um recurso interativo apresentado, em sua maioria, no formato retangular, no qual constam informações relevantes de forma resumida e de fácil entendimento.
<i>Meme</i>	Uma releitura de situações, geralmente, feita de modo humorado ou crítico, que espalha rapidamente entre as pessoas por meio das redes sociais. Pode ter o formato de vídeo, imagem, frase, música, ideia etc.

Fonte - elaboração das autoras

Todas essas interfaces da Tecnologia Digital da Comunicação e Informação (TDIC) presentes no cotidiano de vários indivíduos (Araújo; Moreira, 2018), contribuíram para que as residentes pudessem tornar as intervenções pedagógicas vinculadas a um escopo de potencialização das relações, com propostas atrativas, dinâmicas e que utilizavam recursos diversificados, a fim de que os/as alunos/as da EJA alcançassem os objetivos.

A seguir faremos a explanação de duas intervenções realizadas e que foram escolhidas em um vasto rol de experiências vivenciadas, devido a se alinharem teórica e epistemologicamente com a “Educação para as Relações” (Almeida, 2017; 2024). Trata-se das intervenções pedagógicas intituladas “Festival de cinema Curta-EJA” e “*Podcast*, linguagem e papéis sociais de gênero”. A realização delas evidenciou um sentido forte de emoção entre as/os estudantes e residentes durante as vivências pedagógicas e demonstram o *sentirpensar* de uma epistemologia pedagógica esteada nas relações.

FESTIVAL DE CINEMA “CURTA-EJA”: CINEMA, CURTA-METRAGEM E ACOLHIMENTO

Para iniciar o relato cabe reafirmar que a modalidade de ensino EJA, a ocasião, não estava contemplada na BNCC e que, desse modo, fizemos um exercício contrastivo entre a BNCC, o referencial curricular da EJA da rede municipal de ensino e a epistemologia da “Educação para as Relações” de modo independente.

Nesse escopo da Educação de Jovens e Adultos coube aproximar o currículo das experiências pessoais dos/as estudantes com a responsabilidade de escuta atenta, tal como revela Silva (2019, p. 306):

Desinvisibilizar, potencializar e traduzir passa a ser o grande desafio de professores desta modalidade educativa [EJA]; é um procedimento didático metodológico importante para esse processo será estabelecer relações de confiança e propiciar momentos de escuta cuidadosa em que estas pessoas possam narrar acerca das experiências e dos projetos que vêm desenvolvendo fora dos espaços escolares, por exemplo.

O autor apresenta uma visão voltada para as experiências dos sujeitos, valorizando seus conhecimentos para além dos muros da escola. Pensar nesse público auxilia a retirar da mente a ideia de que o/a aprendiz é um objeto a ser moldado, evitando a educação fabril, mas atentando-se na responsabilidade que temos enquanto educadoras/es de levar o conhecimento aos quais eles/as não têm acesso, senão dentro da escola.

Diante dessa concepção, as residentes realizaram uma intervenção com o tema “Festival de cinema: Curta EJA”, visando promover aprendizagens sobre “Cinema, curta-metragem e acolhimento”. O plano de aula focou no desejo, na estética e no *sentirpensaragir* dos sujeitos e foi elaborado em parceria com a preceptora da escola-campo, sendo a intervenção iniciada com uma breve história do cinema, despertando para sensibilidade, aproximando-os/as da sétima arte como campo estético que permite o diálogo entre a ética e o desejo e entre a razão e os sentimentos. Ressalta-se que alguns estudantes foram transferidos no meio do ano escolar e esse momento de acolhimento foi importante, também, para quem ficou na escola, conforme é possível notar no depoimento⁷, a seguir:

Tô triste também porque meu amigo saiu de lá, tô triste... Cê sabe que nós era muito unidos, nera prosinha, Ah, eu tô arrasada, não tô nem com vontade mais de participar... das aulas. (Aluna L, 2021).

Na fala acima a estudante evidencia como a educação perpassa as relações. Nesse caso, a relação com outro, com cunho afetivo, demonstrando como a convivência escolar tem a capacidade de afetar os indivíduos, levando-os a pensar em desistir de frequentar a escola, como no exemplo.

No momento dessa intervenção, entre os diálogos sobre as transferências de estudantes e chegada de outros/as, foi apresentado um rol de quatro filmes de curta-metragem. A figura abaixo demonstra os curtas selecionados e a chamada para instigar sua audiência:

⁷ Os diálogos em áudio foram extraídos do grupo da turma de EJA no aplicativo de mensagens instantâneas, com autorização dos/as participantes. Os nomes dos/as estudantes foram preservados diante de princípios éticos.

Figura 1 - "Festival de cinema: Curta EJA".

<p>Sala 1</p> <p>LA LUNA (A LUA)</p> <p>Sinopse: Onde se quer chegar? Quem se pretende ser? Que exemplo se está dando? De quanto tempo precisa para se sentir preparado? A Lua dá lições de autonomia, ensino e aprendizado para vida!!! Direção: Enrico Casarosa Ano: 2011 Duração: 7 min</p>	<p>Sala 2</p> <p>Partly Cloudy (Parcialmente Nublado)</p> <p>Sinopse: Será que sabemos respeitar as diferenças? Devemos nos preocupar com o outro? Essa história nos convida a uma viagem de sensações, com demonstração de compromisso, companheirismo e empatia. Direção: Peter Sohn Ano: 2009 Duração: 6 min</p>
<p>Sala 3</p> <p>PIPER: Descobrimdo o Mundo</p> <p>Sinopse: Está passando por adversidades? Se reinvente! E que tal uma dose de resiliência e criatividade? Venha mergulhar num mundo desconhecido, onde as desventuras servem de impulso para seguir em frente! Direção: Alan Barillaro Ano: 2016 Duração: 6 min</p>	<p>Sala 4</p> <p>ALIKE: Escolhas da Vida</p> <p>Sinopse: A vida está agitada e repetitiva? Vamos descobrir a importância do "pausar", com Copy, e seu filho Paste; numa explosão de sentimentos e sensações! Direção: Daniel Martínez Lara, Rafael Cano Méndez. Ano: 2015 Duração: 8 min</p>

Fonte - elaboração das autoras a partir dos cartazes dos filmes

Os/as estudantes recepcionaram os pequenos filmes escolhidos de forma muito positiva, como é possível notar nos diálogos abaixo:

É pró, é de uma aprendizagem, né! Que um passarinho menor... e ensinava os outros como deve ser, né?! Foi e trouxe até o alimento. E o outro... vai ensinar os outros, né?! Como deveria fazer. Aprendizagem! Gostei muito daquilo. (Aluno A, 2021, relato sobre o curta "*Piper: Descobrimdo o Mundo*").

Mas tudo isso agradecendo o filho dele, né?! Que parou para assistir o homem com o violino, que ele pegava dava a sacola o menino pra ir a escola. Aí o menino voltava, olhava pra ele e dava aquele abraço dele. Ele aí foi pensando... e aí veio fazer a coisa certa, né?! É voltar pro mundo, ver as coisas boas do mundo. (Aluna T, 2021, relato sobre o curta "*Alike: Escolhas da Vida*").

Destarte, as/os estudantes assistiram e refletiram sobre um dos curtas escolhidos por elas/es, para assim compartilharem os sentimentos aflorados. Enquanto as/os estudantes faziam suas seleções e apreciações, as residentes enviavam algumas figurinhas que foram elaboradas especialmente para essa intervenção. Foi pedido, ainda, que enviassem, pelo aplicativo de mensagens instantâneas, uma palavra que representasse o que a intervenção havia despertado neles/as, para que no final da aula fosse confeccionada uma nuvem de palavras, que teve como destaque a palavra *superação*⁸.

Com essa interação confirmamos que a "cibercultura vem promovendo novas possibilidades de socialização e aprendizagem mediadas pelo ciberespaço" (Santos, 2009,

⁸ Essa e outras imagens da referida intervenção podem ser acessadas no vídeo pôster apresentado no Congresso da Universidade Federal da Bahia, em 2021.

p.01). Também, devido ao cunho mais sensível e estético da proposta promoveu reflexões sobre os desafios de estar na escola depois de tantos anos, afinal trata-se de uma turma EJA. Importante destacar, também, que a promoção de uma “Educação para as relações” ficou evidenciada nas relações expressadas com os outros e consigo mesmos/as.

UM OUTRO EXEMPLO DE REGÊNCIA: *PODCAST*, LINGUAGEM E PAPEIS SOCIAIS DE GÊNERO

Começamos a intervenção intitulada “*Podcast*, linguagem e papéis sociais de gênero”, com um recurso considerado novo, o *podcast*, que teve o intuito de trabalhar os eixos de significação da “Educação para as Relações”: problematização, ética e pertencimento social.

Diante da escolha do tema foram definidos os seguintes objetivos para intervenção: 1. conhecer a função social do *Podcast*; 2. compreender questões de gênero veiculadas na linguagem; 3. refletir sobre a imposição preconceituosa de repertório linguístico acerca das expressões do gênero masculino sobre o feminino nas relações da sociedade. Para o alcance de tais intenções foi decidido que seriam confeccionados três episódios de *podcast* com a finalidade de favorecer a aproximação com a interface digital e o conteúdo de gênero.

Para o desenvolvimento dessa intervenção, foi realizada, anteriormente, uma pesquisa pedagógica sobre o que é *podcast* e como fazer um *podcast*, visando a levantar informações que deveriam estar em cada episódio e as intenções pedagógicas a serem atingidas. Então, foi criado um plano de aula com base nos conhecimentos adquiridos na universidade, conhecimentos de mundo e estudos propostos pelo PRP, em colaboração com a professora regente da turma de EJA. Assim, a preceptora trouxe sua experiência em trabalhar com jovens e adultos, além do próprio conhecimento da turma na qual o trabalho foi desenvolvido. Suas orientações foram de grande valia e apoio no desenvolvimento de um plano mais assertivo em relação aos/às estudantes e na criação de *podcasts* com linguagem mais adequada a eles/as.

O primeiro episódio se configurou em uma metalinguagem em que o *podcast* foi usado para explicar a si mesmo e demonstrar a sua função na sociedade, apresentando-o como interlocutor de aprendizagem, foram utilizados efeitos sonoros e vozes dinâmicas, em um intercalar de falas entre as residentes para dinamizar a explanação sobre o próprio *podcast*.

O segundo episódio apresentou a crônica “Sexa” de Luís Veríssimo (2001), com efeitos sonoros e vozes características das personagens. O momento mexeu com a memória de alguns/mas estudantes, inclusive, uma delas relatou a radionovela que ouvia com sua avó na infância, por exemplo. Nesta parte, a narrativa de Veríssimo foi utilizada como pano de fundo para despertar o senso crítico dos/as estudantes da EJA quanto às relações sociais de gênero, em especial as distorções de igualdade que desfavorecem as mulheres, como a interrupção de fala, conforme lembrado por uma aluna. Nessa intervenção foi possível ver as relações que estabeleceram entre o tema e o mundo, bem como a si mesmos/as conforme o depoimento, a seguir:

[...] Aí fiquei aqui pensando, hoje na realidade, é... Nós mulheres temos sim muita coragem, disposição, nós temos até interesse em falar, *nim* querer deixar bem claro se errei ou não, se estamos certo, mas por nós *ter* a certeza que o que nós vamos falar, algo vai sair errado, a maioria das vez nós *se* calamos. E aí, o HOMEM por ter, muitos deles até estudo, ou outros até pior que a gente, mas por ser homem, ele se coloca, né, na frente, ele fala. Possa até que fale errado

como eu ia falar, mas eu mesmo já passei por isso, tô colocando uma parte que eu já me passei [...] (Aluna N, 2021).

O terceiro, e último episódio, refletiu sobre as questões de gênero veiculadas na linguagem, entendendo que a língua não é estática e pode mudar. Ele debateu, principalmente, a predominância do masculino nas palavras – em especial o que engloba homens e mulheres no plural do masculino – demonstrando que tal forma de expressão linguística pode causar confusão e até falta de pertença por parte de mulheres, que podem não saber quando realmente estarão ou não sendo incluídas em discursos subjetivos. Assim, a intervenção decorreu numa perspectiva sexolinguística (Moreno, 1999), a fim de incentivar a problematização, o pertencimento social e possíveis implicações éticas em respeito à condição da mulher na sociedade.

A receptividade das/os estudantes foi ótima e da parte das residentes também. Trazendo experiências de vida para o diálogo, uma estudante relatou do tempo em que ouvia rádio na cidade onde morava quando era criança, todos iam para casa dela ouvir, inclusive, alguns pela janela. Disse, ainda, que a radionovela aumentava o imaginário e o suspense do que iria acontecer no próximo episódio. A princípio, as/os discentes demonstraram receio quanto ao tema, pois tinham compreendido que se tratava de conversar com os/as filhos/as sobre sexo/relações sexuais, mas após esclarecimento de que se tratava de gêneros sociais a turma interagiu bem. Isso nos levou a questionar certos tabus sociais que ainda permanecem nos intramuros das escolas e que demandam debates e ampliação formativa dos sujeitos.

Ressalta-se que a turma era predominantemente feminina, então, muitas comentaram como mulheres eram preteridas nos discursos sociais. Essas memórias foram retomadas por uma estudante, remontando todo o seu trajeto de vida até o presente momento. A seguir apresenta-se a transcrição de algumas falas sobre o tema:

[...] Então a gente vê que a gente até quer, mas continua sendo o direito do homem, o homem, o homem, o homem, o homem, e depois do homem, sim, a mulher, é isso em todos os lugares que a gente vai. Você tem uma motorista ali no volante, mas se a motorista ali tiver ela e uma categoria com vários motoristas, ou seja, quatro mulheres e quatro homens, a primeira a ser chamada... é os homens, as mulheres não, elas não são tão ouvidas, elas não são, então não tem como a gente dizer que não deve aceitar, porque não somos nós que temos que aceitar, é a *ler* [lei] e a justiça que determina que seja os homens. (Aluna N, 2021).

Eu acho que a gente que tem de mudar, bota a mão, *levanta* na reunião a mão, a mulher, outra e outra... Mas não, nós *fica* deixando nego levar o crédito por tudo. Não podemos calar não, tem que falar mesmo. (Aluna T, 2021).

Interessante como a partir da crônica de Verissimo “Sexa”, que conta a história de um menino que pergunta ao seu pai por que não existe *sex* como feminino de *sexo*, em um diálogo bem engraçado, com um fundo de ironia sobre a predominância linguística do masculino sobre o feminino, foi possível debater sobre um assunto tão delicado, porém importante socialmente. Foi de posse desse texto que as residentes desenvolveram questionamentos que evidenciaram o eixo problematização. Instigando as/os estudantes a refletirem sobre como se sentem em relação a essa predominância linguística de gêneros sociais, se já tinham percebido essas

interações. A possibilidade de criações diversificadas, propiciadas por instrumentos pedagógicos digitais e vinculadas a compreensão de uma educação sensível nos trouxe um arcabouço tecnológico e criativo para os futuros atos pedagógicos como docentes.

Destacamos algumas percepções que dificultaram as aulas nesse modelo novo e criativo de ensino remoto, através de aplicativos de mensagens de texto instantâneas, como o fato dos aparelhos celulares da maioria das/os estudantes, muitas vezes, não comportarem o tamanho de arquivos enviados, que por hora sobrecarregam a memória e travavam o dispositivo. Outro fator, é que muitos utilizavam dados móveis, o que dificultava a permanência *on-line* deles, gerando, assim, um novo segmento de exclusão social, a exclusão digital, muito ampla no Brasil (Santos, 2009). Vale apontar, ainda, que havia outros/as que não tinham afinidades com tecnologias e alguns/mas que tinham a barreira de estar em horário de trabalho durante o horário das aulas.

Revela-se que durante o passar dos tempos, as residentes sentiram-se solitárias quando não encontravam as/os estudantes com participação ativa nas intervenções, afinal, já não tinham rostos a serem vistos em vídeo e, com as dificuldades que eles enfrentavam, deixaram de mandar também seus áudios, suas vozes, acompanhando posteriormente o que tinha sido trazido nas aulas. Perante essas questões, pode-se perceber que as adversidades do exercício da docência estão para além da sala de aula, algo que, muitas vezes, não se poderá ter controle.

Diante de tantos percalços, sendo que um dos maiores obstáculos foi manter a participação e interesse das/os poucas/os estudantes que acessam o aplicativo durante as intervenções, consideramos como importante o preparo das residentes para, como propõe Miguel Araújo (2008), realizar uma Pedagogia do Encantamento, da sedução, com intuito de auxiliar na permanência dessas/es adultas/os na escola e garantir, ao menos, seu direito básico a ler e escrever. Dessa maneira, as intervenções tiveram o intuito de despertar o desejo no pensar, sentir e agir dos sujeitos de modo a provocar a reflexão crítica e afetiva.

Finalizamos este relato com o entendimento de que a aproximação entre teoria e prática, perpassada com uma formação política, social, crítica, com ênfase em uma “Educação para as Relações”, potencializa uma formação docente voltada para o sensível, para o desejo e para a ética, incentivando cada vez mais seres críticos, humanitaristas, *raciosensíveis*, éticos e atuantes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Verônica Domingues. **Caosgrafia do amor docente**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

ALMEIDA, Verônica Domingues. Da Mundanidade do Amor e uma Nova Ética Amorosa na Educação. In: _____. **poli[AMOR]fia: paisagens da docência** (Tese). Salvador: UFBA, 2017.

ALMEIDA, Verônica Domingues. **A experiência em experiência: saberes docentes e a formação de professores em exercício**. Jundiaí: Paco editorial, 2012.

ARAÚJO, KS.S. e MOREIRA, R.P.S. As tecnologias digitais na educação: desafios e possibilidades na prática docente. In: CAMBRUZZI, E. e CAMBRUZZI, G.M.A.S. **Desafios da docência na era dos nativos digitais**. Curitiba-PR. Editora CRV. 2018.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no fenômeno do educar**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CANDA, Cilene; ALMEIDA, Verônica D. Arte e saberes sensíveis na formação e prática da docência. **Revista LES - Linguagem Sociedade e Educação**, v. 39, p. 71-90, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MARTINS, R.E.M.W.; SOUSA, A.R.B.D. e FILHO, L.J.M. **Programa de Residência Pedagógica e Formação Inicial de Professores/as- Experiências e diálogos**. 1ª Edição. Campo Grande-MS. Editora Inovar. 2022.

MORENO, Montserrat. **Como se Ensina a Ser Menina: O sexismo na escola**. São Paulo. Editora Unicamp/Moderna.1999.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza (orgs.). **Educação em Tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. Salvador: Edição do autor, 2020.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de; ALMEIDA, Veronica Domingues. **Formação docente em exercício e a criação de uma epistemologia pedagógica esteada as relações**. XXV EPEN. 2020.

SANTANA, Camila Lima Santana, SALES, Kathia Marise Borges. Aula em Casa: Educação, Tecnologias Digitais e Pandemia Covid-19. **Interfaces Científicas**: v. 10. n.1. Número Temático (Educação). Aracaju, 2020. p.75-92

SANTOS, Edméa. **Educação online para além da Ead: um fenômeno da cibercultura**. Rio de Janeiro: Educacion, 2009.

SILVA, Francisco Canindé. Currículos praticadospensados nos cotidianos da EJA: condições e procedimentos de tradução. **Rev. Espaço do Currículo (online)**, João Pessoa, v.12, n.2, p. 299-308, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/ufpb.1983-1579.2019v12n2.38641/32988>. Acesso em: 10 abr 2022.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.53-54.